

O caos se instala nas salas de aula

Escolas estaduais sem professores formam alunos sem futuro com notas falsas nos boletins

Múcio Bezerra

Flávia Brum, de 18 anos, aluna da 3ª série do Segundo Grau, presidente do Grêmio Estudantil da Escola Estadual Paulo de Frontin, no Rio Comprido. Carioca, moradora de Acari, filha de um cabeleireiro e de uma assistente de cirurgião. Sonho: ingressar na Faculdade de Odontologia da Uerj. Realidade: estudante de escolas públicas desde o jardim de infância, suas chances de passar no vestibular são praticamente nulas.

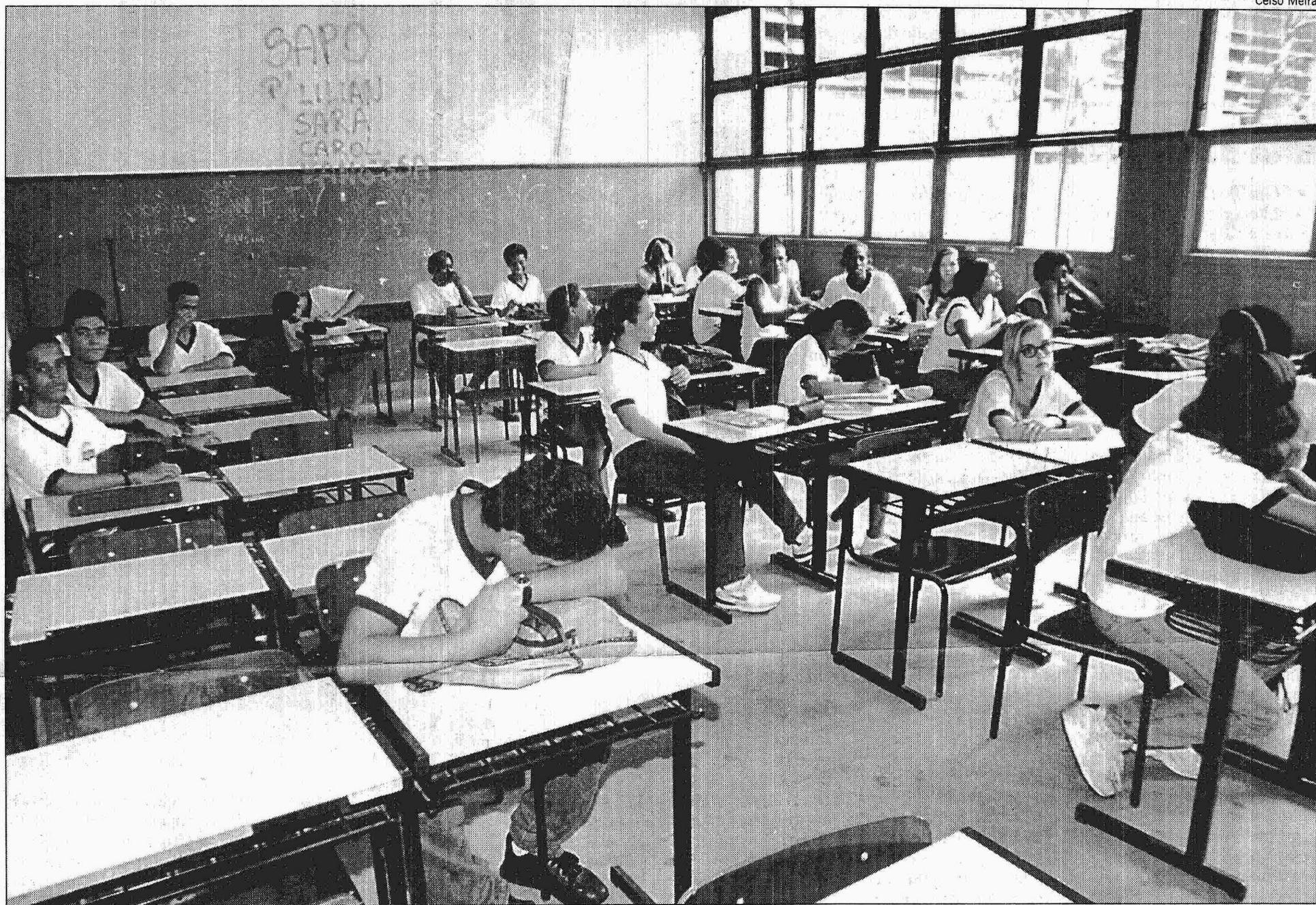
A realidade de Flávia não permite o sonho, pois no Estado do Rio a educação cabe em qualquer lugar — porque é muito pequena: com horários de aulas reduzidos, falta de professores e disciplinas que estão no currículo apenas para constar do boletim, o ensino na rede estadual se deteriorou a tal ponto que as perspectivas de chegar à faculdade para os estudantes que terminam o Segundo Grau praticamente não existem. No colégio onde Flávia estuda, por exemplo, dos 350 alunos que concluem o curso, apenas três conseguem passar no vestibular, segundo o professor de História Celso Luiz Sampaio Martins, cinco anos de magistério, salário bruto de R\$ 253,90.

— Aqui já teve turma que se formou sem ter uma aula sequer de física. Mas, do boletim, consta que os alunos tiveram aula de física durante três anos e passaram com nota “C” — diz Flávia, que classifica o ensino nas escolas estaduais como deficiente, ineficaz e, em algumas disciplinas, inexistente.

Em 1995, Flávia teve aulas de física — uma disciplina que, agora, está no seu boletim apenas para constar, porque não há professor. O principal motivo, segundo o Sindicato Estadual dos Profissionais de Ensino (Sepe), são os baixos salários que desvalorizam a carreira do magistério: o piso salarial de trabalhador analfabeto — R\$ 100 — e as péssimas condições de trabalho em escolas caindo aos pedaços se refletem no índice de pedidos de demissão de professores da rede estadual, que, no ano passado, chegou à média de mais de dois por dia.

O resultado é um quadro negro: no Colégio Estadual Paulo de Frontin, os alunos da turma 1.304 vão ali apenas para assistir a aulas de matemática, português e inglês ou espanhol. No período em que deveriam estudar as demais disciplinas do curso, ficam à toa no pátio da escola, porque não há professores de história, literatura, francês, física, biologia, química e educação física.

A falta de professores na rede estadual de ensino é ainda mais crítica em Caxias, onde, segundo o Sepe, mais de 20 mil crianças e adolescentes matricu-



ALUNOS MATAM o tempo na sala de aulas da Escola Estadual Paulo de Frontin, no Rio Comprido: não há professores de física, mas os estudantes são aprovados com nota 'C' no boletim

lados estão sem aulas desde o início deste período letivo. Para protestar contra essa situação, pais, alunos e professores querem fechar hoje, às 14h, um trecho da rodovia Rio-Petrópolis. De acordo com o Sepe, faltam mais de 1.200 professores para completar o quadro das escolas da rede estadual e, por causa disso, algumas turmas concentram até 60 estudantes.

A coordenadora geral do Sepe, Daise Calazans, classifica a situação das escolas estaduais como caótica. Ela disse que o problema existe em todo o estado e citou o caso do Colégio Luiz Reid, em Macaé:

— O Luiz Reid é o único colégio de Segundo grau de Macaé. Tem 200 vagas, mas havia 1.053 inscritos. E o que fizeram para resolver o problema? Puseram um Ciep como anexo do colégio e matricularam todo mundo. Mas a maioria

dos alunos não está tendo aulas por falta de professores.

Daise disse que, somente no Colégio Estadual Raul Vidal, em Niterói, faltam 43 professores para completar o quadro de docentes. No Colégio Varela, na cidade de Carmo, mais de 600 alunos estão sem aulas por falta de mestres. E o Instituto de Educação, no Rio, precisa de pelo menos mais 42 professores.

No Colégio Estadual João Vasconcelos, em Araruama, faltam professores de inglês, educação artística, educação física, geografia, história, química e quatro do curso primário. Na Escola Estadual Brasil, que tem 1.300 alunos de Segundo Grau, os professores sem recusam a dar aulas, por falta de condições de trabalho, pois o prédio está em obras, informou a professora Carmem Tubio, da direção do Sepe. Ela disse que, na próxima terça-feira, alunos, pais

e mestres farão uma manifestação na frente da Secretaria estadual de Educação para protestar contra a situação.

No Colégio Aurelino Leal, em Niterói, o problema não é muito diferente de outras escolas estaduais. Nesta semana, uma televisão substituiu o quadro negro e, em vez de aulas de matemática, física e português, alunos de cinco turmas se juntaram numa sala para assistir ao filme “O quatrilho”, porque não havia professores. A idéia de preencher o tempo dos estudantes com um filme foi da professora Regina Beaklini, que pagou o aluguel da fita de vídeo. No Colégio Paulo de Frontin, a situação é ainda pior:

— Aqui não temos sequer um vídeo para preencher as horas vagas desses adolescentes, que ficam muito inquietos, sem ter o que fazer — reclama a professora Marilena Magnago.

Segundo o Sepe, a rede estadual de ensino tem 69.389 professores e 2.422 escolas onde estudam 1.274.000 alunos. A professora Daise disse que a qualidade do ensino se agravou ainda mais neste ano, porque a Secretaria estadual de Educação reduziu o número de aulas de cada disciplina e aumentou a quantidade de alunos em cada turma.

A professora de história Mariluce Alves dos Santos, do Colégio Paulo de Frontin, afirmou que a falta de mestres nas escolas da rede estadual não é um problema recente, mas se agravou neste ano. Diante desse quadro, Alice Espírito Santo Almeida, de 16 anos, estudante da 1ª série do Segundo Grau do Paulo de Frontin, filha de um operário e de uma telefonista, moradora de Honório Gurgel, disse ontem, desiludida com sua escola:

— Estou quase desistindo. ■